



REPRESENTANTES DE ENTIDADES CIVIS DOS EUA CRITICAM SAÍDA DOS DELEGADOS AMERICANOS DE DURBAN. EUROPEUS TAMBÉM PODEM DEIXAR A CÚPULA

Agora é a UE que ameaça sair

Da Redação.

Com agências

Tem que ser suado. Assim como aconteceu na Conferência de Bonn sobre o meio ambiente, em julho, também na 3ª Conferência das Nações Unidas contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e a Intolerância Correlata foi necessário esforço extra na busca de um acordo. Delegados dos 15 países da União Européia e dos países árabes entraram na madrugada discutindo como o documento final do encontro tratará o conflito no Oriente Médio.

Irritados com a insistência dos árabes em incluir críticas explícitas a Israel no documento, os europeus ameaçaram seguir os passos dos israelenses e norte-americanos e abandonar a cúpula que acontece em Durban, na África do Sul. "Se a declaração continuar equiparando o sionismo ao racismo, a França e a delegação européia vão abandonar imediatamente a Conferência", ameaçou o primeiro-ministro francês, Lionel Jospin, acrescentando que isso significaria o fracasso do encontro. O porta-voz do governo, Jean-Jack Queyranne, disse que o presidente francês, Jacques Chirac, está de acordo com a decisão.

A União Européia deu aos delegados sul-africanos um prazo até a noite de ontem para conseguir um acordo com os países árabes. Desde terça-feira um "grupo dos cinco" — que reúne a Bélgica, a Noruega, a África do Sul, a Namíbia e a Liga Árabe,

O QUE QUEREM OS AFRICANOS

Pedido explícito de desculpas dos países que se beneficiaram do trabalho escravo. Brasil e Quênia coordenam um grupo para definir como será esse pedido

Reconhecimento pela ONU de que o colonialismo, o tráfico negreiro e a escravidão foram crimes contra a humanidade. Essa medida poderia desencadear ondas de processos judiciais em diversos países, inclusive no Brasil

Transferência de equipamentos e tecnologia para a África,

representada pelo delegado palestino, discute o texto apresentado pela África do Sul.

INSISTÊNCIA ÁRABE

Segundo um diplomata que participa das negociações, os árabes "complicam o debate querendo fazer emendas" ao texto discutido e proposto pela presidência sul-africana na Conferência. Integrantes da delegação da Bélgica, que atualmente ocupa a presidência rotativa da União Européia, negaram que o prazo significasse um ultimato.

"Não vamos simplesmente continuar falando de Oriente Médio sem um acordo possível. Se não há acordo, não pode ha-

ajuda principalmente na área de saúde e combate à Aids, doença que está dizimando o continente

Perdão da dívida externa. Apesar de alguns países europeus já terem cancelado parte de seus créditos, como Grã-Bretanha e França, nunca houve uma ação conjunta dos países desenvolvidos

Incentivo a investimentos no continente africano. Assolada por diversas guerras e com governos tachados de corruptos, a África foi isolada do comércio internacional

ver convergência sobre os documentos da Conferência, porque tudo deve ser acertado", disse o porta-voz da União Européia, Koen Vervaeke.

A África do Sul faz de tudo para evitar o fiasco do encontro que termina amanhã. A saída de Israel e dos Estados Unidos já reduziu bastante a importância da cúpula, à qual compareceram apenas 14 chefes de Estado. A ausência dos norte-americanos pesa porque o país contribui com cerca de 20% dos recursos da ONU. Tem-se que o governo americano coloque obstáculos à destinação de fundos da organização para o financiamento do programa de ação, alegando

que não dará dinheiro para medidas que não aprovou.

ESCRAVIDÃO

O conflito entre israelenses e palestinos não é o único assunto que ameaça a Conferência. Os países africanos ainda não entraram em consenso com os europeus e americanos sobre a compensação pelo tráfico de escravos. Num dos debates sobre o tema, representantes da Europa chegaram a se levantar das cadeiras e ameaçar ir embora ao discordar de uma votação sobre indenização pelos países colonizadores.

Apesar de vários dias de mediações impulsadas por Brasil e Quênia, os países africanos continuam exigindo um pedido de desculpas, o que é recusado pelas nações ocidentais, sob a alegação de que isso abriria o caminho para inúmeras ações na Justiça. O desentendimento fez surgir um debate semântico sobre as palavras "desculpas", "lamentar" e "tristeza", propostas pelos negociadores.

Segundo Gilberto Saboia, negociador brasileiro para o tema da escravidão, "não há desacordo sobre os principais assuntos abordados, mas sim sobre a maneira de formulá-los". "Os pedidos de desculpas são importantes para nós, vocês têm de nos compreender", declarou a ministra sul-africana do Serviço Público, Geraldine Fraser-Moleketi. Alguns países africanos ainda insistem em pedidos de compensações, como indenizações, cancelamento da dívida externa e maiores investimentos no continente.